

RESENHA

SILVA, Carla Luciana. *Veja: O indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Cascavel: Edunioeste, 2009.

O indispensável livro sobre a *Veja*

Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme*

O livro que todo brasileiro deve ler. Esta é a melhor descrição para a publicação de “*Veja: O indispensável partido neoliberal (1989-2002)*”, da professora Carla Luciana Silva, que saiu ainda no ano de 2009 pela Edunioeste. Trata-se na verdade de uma compilação de sua tese de doutorado, apresentada no ano de 2005 junto à UFF e sob orientação da professora Virgínia Fontes.

Não se trata de mais um livro clichê, cheio de “denuncismos” sobre aquilo que o leitor mais crítico já sabe: a revista *Veja* atua “como agente partidário que ajudou sobremaneira na construção da hegemonia neoliberal no Brasil” (p. 252), ou seja, que coloca-se como imparcial, quando na verdade age pedagogicamente na construção de um consenso em torno do seu projeto. Assim, o grande mote deste livro é a capacidade da autora em lidar com as edições da revista e fazer saltar aos olhos do leitor as entrelinhas do discurso partidário de *Veja*. Ao longo de todo trabalho pode-se perceber que a autora tem como importante referencial teórico, as análises formuladas pelo italiano Antonio Gramsci.



Ao analisar a relação de *Veja* com o governo de Fernando Collor, a autora sustenta que a revista apoiou o novo presidente em nome da governabilidade, ao mesmo tempo em que apontava os rumos da modernização neoliberal e cobrava a sua aplicação. Apenas quando a situação política ficou insustentável é que *Veja* troca o seu inicial desinteresse pelo tema e passa a corroborar a queda de Collor, mas mantém a defesa do projeto e a ordem na sucessão.

Podemos perceber que *Veja* aprovou a escolha de Zélia Cardoso de Mello para comandar a Economia; teceu críticas amenas ao confisco das poupanças; apoiou as privatizações do que chamou de “estatais inúteis”. Diante dos problemas iniciais do novo governo, a revista diz: “o liberalismo é a melhor idéia que um governo tentou por em prática no Brasil de muito tempo para cá. Vale insistir, apesar dos problemas e dos tropeções” (p.36). Para a autora, *Veja* coloca-se como defensora de um “Pacto Nacional” e chama as “elites” para a defesa deste projeto, ao mesmo tempo em que tenta mostrar-se como neutra.

Para defender as suas posições, *Veja* sempre escolhe criteriosamente os seus interlocutores. Ao longo de todo o livro estão sempre presentes as opiniões do “Fórum Nacional”, instituto de estudos econômicos que reúne a cúpula empresarial brasileira e do político José Serra, chamado pela revista de o “mais influente dos influentes” (p.41).

Segundo a autora, durante o governo de Itamar Franco, a revista mantém o seu caráter ideológico e chega mesmo a propor um programa para o novo presidente, ou seja, o seu atrelamento ao modelo neoliberal. *Veja* caracteriza o início do governo como pífilo, afinal, a revista afirma que “o país quer mudanças”, e claro, estas mudanças seriam de caráter neoliberal e chega até mesmo a dizer “o que é preciso para dar certo”: o exemplo chileno.

As hostilidades de *Veja* para com o presidente Itamar Franco só diminuem com a nomeação de Fernando Henrique Cardoso para comandar a economia do país. A revista chama FHC de “a grande tacada”, “intelectual brilhante”, já que o “esquerdista ficou para trás”, ao mesmo tempo liga-o positivamente com o político José Serra. Uma vez apresentado o Plano Real, *Veja* atribui-o à Fernando Henrique e suas páginas passam a defender a necessidade das medidas econômicas. São comuns as associações entre o privatizar e o “modernizar” na lógica globalizada. Segundo Carla Silva, “ao longo da análise estão claras as afinidades entre as idéias defendidas por *Veja* e seu programa político, em consonância com a ordem do capital internacionalizado” (p.117).

Também no governo FHC, a revista mantém o padrão, ou seja, propõe e cobra a aplicação das medidas neoliberais. Mesmo diante da crise do capital que atingiu os países emergentes

no período e as contradições internas no Brasil, como a forte taxa de desemprego, “a defesa do Plano seria colocada acima de tudo e para isso estava em disputa inclusive dizer que FHC seria o real defensor do ideário de esquerda” (p.124).

Ao longo dos oito anos do governo de Fernando Henrique, as matérias da revista continuam “moldando” a mentalidade do brasileiro para aquilo que ela considera essencial: o neoliberalismo. Segundo a autora “a dominação, portanto, tem que aparecer como natural” (p.129). A figura de FHC é a personificação deste ideal que dá o “rumo certo” para o Brasil. Há a defesa pelas reformas constitucionais, das privatizações, que agora cobra-se uma maior “velocidade”, e críticas ao movimento sindical.

Interessante é a análise feita pela autora sobre as publicidades contidas na revista. O leitor mais atento de *Veja* já percebeu o grande número de anúncios contidos no semanário. Com tabelas e gráficos, Carla Silva argumenta que “a revista está em sintonia com a publicidade, e juntos propõe um estilo de vida, que está diretamente ligado ao sistema econômico” (p.158).

A atuação pedagógica de *Veja* fica bem latente no capítulo quarto, onde a autora analisa o que chama de “enxurrada de textos panfletários” (p.169). As páginas amarelas dão voz aos agentes do grande capital internacional; são valorizados os “homens de sucesso”; e educa-se os novos gerentes do capital à como lidar com os trabalhadores e diante da reestruturação produtiva.

Quanto à participação de *Veja* nos pleitos eleitorais, Carla Silva demonstra como a revista atuou firmemente na construção de seus candidatos e em oposição a qualquer projeto mais à

esquerda. No contexto da defesa de seu modelo neoliberal, Collor, FHC e Serra receberam reportagens abonadoras, enquanto outras matérias desqualificavam o PT como “arcaico, rançoso, rancoroso e, finalmente, como incapaz” (p.220). Para a eleição de 2002, há a busca do candidato “anti-Lula”.

Enfim, este excelente livro trás à tona a atuação partidária da revista *Veja* em

defesa do modelo neoliberal. Ao contrário do que o semanário insiste em argumentar, não há neutralidade por parte da revista, mas sim uma forte atuação pedagógica, que busca convencer o leitor de que “não há alternativas”. Ao final da leitura, fica a sensação de que o restante da tese de doutorado também merece publicação urgente.



* **CÁSSIO AUGUSTO SAMOGIN ALMEIDA GUILHERME** é mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).